

“Diga-me em quem votou que te digo se tem chance comigo”: notas sobre usos das mídias digitais, repertórios de amor e política¹

Juliana do Prado (UEMS/MS, UNICAMP/SP)

Resumo: Este trabalho pretende analisar como os usos das mídias digitais no Brasil têm modulado as buscas por relacionamentos amorosos de modo conjunto com a circulação de repertórios políticos de grupos autodenominados de esquerda que se colocam contra o atual governo. A pesquisa é realizada a partir de análises de interações em um grupo do Facebook com a finalidade de promover um canal de divulgação de perfis e ampliar possibilidades afetivas entre redes de sujeitos. O objetivo é compreender como o cenário político brasileiro se reflete na vida afetiva, partindo das seguintes questões: o posicionamento político em uma esfera pública técnico-midiatizada tem se transformado em ritual de paquera? Quais pautas que têm sido levantadas pelo cenário político se referem à posicionamentos de esquerda e são constantemente mobilizadas como espécie de filtros na busca de parcerias amorosas? A pesquisa adota referenciais sobre os usos das mídias digitais, em consonância com reflexões sobre afetos, gênero, sexualidade e diferenças. No texto apresento alguns elementos que se colocam como ideais românticos do sujeito de esquerda esperado e trago algumas notas e reflexões iniciais sobre o que tenho observado das interações, indicando para um cenário no qual o que se espera das relações afetivas não parece encontrar correspondências nas experiências dos sujeitos do grupo, sobretudo no que se refere às relações de gênero.

Palavras-chaves: Mídias digitais. Amor. Política.

A expressão que intitula esse artigo tem circulado nas redes sociais comerciais entre páginas do Facebook e Instagram, particularmente as direcionadas à públicos que se autodenominam de esquerda, em acepção à oposição frente ao cenário político recente no Brasil. Elas apontam para um panorama amoroso que tende a filtrar as relações a partir de posicionamentos políticos convergentes e ao mesmo tempo demarcar afastamentos de pessoas indesejáveis. A premissa é de que qualquer laço social, principalmente que desemboque em paquera ou relacionamentos amorosos serão mais bem-sucedidos quanto maior for a afinidade política entre os sujeitos.

Nesse sentido, pretendo analisar como os usos das mídias digitais no Brasil têm modulado as buscas por relacionamentos amorosos de modo conjunto com a circulação de repertórios políticos de grupos autodenominados de esquerda. A pesquisa se dá a partir

¹ Trabalho apresentado na 33ª Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre os dias 28 de agosto a 03 de setembro de 2022.

de análises de interações em um grupo de Facebook, que denomino aqui de ESQ². Esse universo empírico se justifica, inicialmente, por ter sido criado com a finalidade de promover um canal de divulgação de perfis, assim como interações sociais e ampliar possibilidades afetivas entre redes de sujeitos com afinidades em comum. Meu enfoque se caracteriza pela observação das interações, do conteúdo que circula pelo grupo, com o intuito de captar os aspectos centrais que regem os repertórios políticos e amorosos.

A sociabilidade produzida nesse contexto opera como triagem, indicando que o entrosamento público propiciado ali tem se apresentado como fundamental e se diferencia da proposta de aplicativos de busca de parceiros (as/es) por permitir atestar posicionamentos que se configuram como fundamentais nas expectativas por relações amorosas. Assim, o grupo se estrutura em rede em torno de valores em comum, e oportuniza as chances de avaliar publicamente uma série de discursos relacionados ao contexto político em um panorama que se apresenta dividido tanto online quanto offline.

Os serviços de redes sociais comerciais se dão a partir de transformações da internet, de uma plataforma estática em que os usuários eram receptores de conteúdos para uma interface em que é possível a interação e conexão entre usuários por meio de plataformas comerciais gerenciadas por grandes corporações tecnológicas (BAYM, 2010, p. 385). O vasto número de plataformas que oferecem serviços de redes sociais, tais como LinkedIn, Twitter, Facebook, Snapchat, Instagram, entre outras, permitem também criação de conteúdos comunicacionais, como memes, vídeos, textos, imagens que, por sua vez se inserem no que José Van Dijck (2016, p. 19) denomina de uma nova infraestrutura online: ecossistema de meios conectivos, plataformas que gerem a sociabilidade mediada digitalmente. Esse fenômeno ocorre à partir da década de 2010, simultaneamente com o crescimento do uso de aparelhos de smartphones no Brasil e aumento exponencial do número de usuários em redes sociais comerciais. Desse modo, se desenvolve uma cultura de conectividade, na qual a rede não se caracteriza apenas pela conexão entre usuários que supostamente se conheçam, mas sim, em dados que conectam usuários automaticamente, que induzem a sociabilidade, sugerindo conexões entre pessoas e conteúdos direcionados.

Os serviços para troca de conteúdos propiciados pela arquitetura do Facebook são representativos de um funcionamento das redes sociais nas quais, nas palavras de Van Dijck (idem) “o ‘social’ parece abarcar tanto a conexão (humana) como a conectividade

² Denominarei dessa forma para preservar o campo de análise e garantir maior sigilo aos sujeitos da pesquisa e as informações que circulam no grupo.

(automática)”. Além de conectar perfis entre si, a rede possui serviços como o Feed de Notícias, Messenger, Eventos, Páginas, Grupos, Álbuns de Fotos, Lojas e o segmento para Desenvolvedores. Cada uma dessas seções possui especificidades e, se cruzam na navegação dos/as usuários/as.

O ESQ surgiu no segundo semestre de 2019, após alguns meses do acirramento do contexto político polarizado com a eleição de Jair Messias Bolsonaro. Tem como proposta ser um grupo que coaduna sujeitos com posicionamentos políticos semelhantes, de tendências autodenominadas de esquerda e que declaram apoio à partidos que compõem esse quadro político. Atualmente conta com mais de 36 mil membros que ingressam mediante aprovação de entrada por mediadores, com uma média de 120 interações diárias, entre novas publicações e comentários. Em uma pesquisa exploratória foi possível constatar que os sujeitos que se apresentam e participam dessa rede estão em uma faixa etária entre 27 a 60 anos, autodeclarados heterossexuais em sua maioria, pertencentes à carreiras acadêmicas, de profissionais da educação, liberais³, funcionários públicos, entre outros. Constatei também que até o início de 2022 havia poucos membros que se declaravam enquanto negros/as, indígenas, não heterossexuais e transexuais e que geralmente algumas mulheres manifestam-se, com lamento, enquanto heterossexuais ou revelam-se como bissexuais. O grupo passou por alterações de nomes ao longo de pouco mais de dois anos de existência, vinculado geralmente à necessidade de isolamento social imposta pela pandemia de Covid-19, corroborando para outro aspecto fundamental para essa pesquisa, a centralidade das mediações tecnológicas na sociabilidade nesse período.

Minha entrada em campo se deu ainda no início do grupo, em 2019, de maneira despreziosa, sem intenções reais de pesquisa. Naquela época parecia se desenhar um modelo de sociabilidade concentrado na busca afetiva para além dos já conhecidos aplicativos como Tinder, Adote um Cara, Happn, Bumble, Hornet, Scruff, Grindr, entre outros, que não abarcam, na visão dos participantes do grupo, pessoas com afinidades em comum. Ademais, algumas interações mencionando esses aplicativos indicam para como são desagradáveis e se pautam em relacionamentos frágeis e efêmeros, sendo referido, inclusive como “*iFood* humano”⁴. O Facebook também possui um aplicativo de namoro chamado *dating*, implementado em 2019, inicialmente nos Estados Unidos e Reino Unido

³ Entre estes, estão jornalistas, psicólogos (as), profissionais de marketing, etc.

⁴ iFood é uma empresa brasileira fundada em 2011, atuante no ramo de entrega de comida por pedidos realizados via aplicativos conectados à internet, sendo líder do setor na América Latina, com presença na Argentina, no México e na Colômbia.

e chegando ao Brasil em abril do mesmo ano⁵. O *dating* é um recurso que funciona de modo acoplado ao perfil pessoal e tem como objetivo oportunizar conectividade entre sujeitos que tenham interesses e amigos em comum na própria rede social. Vai além, portanto, dos limites estabelecidos pelo georreferenciamento, embora seja comum a indicação de sujeitos que são próximos de nossas relações estabelecidas pela plataforma, o que remete também à um caráter territorializado.

No entanto, um grupo privado com acesso apenas à membros previamente aceitos por moderadores, demonstrou ser uma alternativa de aglutinar sujeitos envolvidos em discussões de temas de interesse mútuo, particularmente que estejam associados à repertórios políticos⁶. São diversos eixos de assuntos que percorrem essa rede, destacando-se conteúdos, entre postagens e memes, sobre amor, monogamia, maternidade, flerte, gostos musicais, racismo, religião, etc. Ainda, quem deseja iniciar uma interação ou promover seu perfil, deve fazer uma postagem com fotos indicando algumas informações.

Tais aspectos, bem como a sociabilidade produzida podem estar operando como algum tipo de triagem que flui para outros tipos de relações mais privadas. O entrosamento público propiciado ali se diferencia da proposta do *dating* e até mesmo de aplicativos de busca de parceiros (as/es) por permitir atestar posicionamentos que sociologicamente parecem estar se configurando como fundamentais nas expectativas por relações amorosas.

Dessa forma, apresento algumas notas sobre elementos que aparecem no campo, tendo em vista as seguintes questões de pesquisa: O posicionamento político em uma esfera pública técnico-midiatizada tem se transformado em ritual de paquera? Quais pautas que têm sido levantadas pelo cenário político se referem à posicionamentos de esquerda e são constantemente mobilizadas como espécie de filtros na busca de parcerias amorosas?

Acompanho o ESQ por meio do meu perfil pessoal e adoto a estratégia metodológica de pesquisadora que permanece em silêncio (HINE, 2005) ou que assume

⁵ O Facebook Dating está agora ativo também na Argentina, Bolívia, Canadá, Chile, Colômbia, Equador, Guiana, Laos, Malásia, México, Paraguai, Peru, Filipinas, Cingapura, Suriname, Tailândia, Uruguai e Vietnã.

⁶ Cabe ressaltar que em 2019 a escritora Erika Takimoto e advogada Mônica Goretti Nagime idealizaram um aplicativo que propiciaria encontros amorosos entre pessoas que se autodenominam de esquerda. Entretanto, o aplicativo não chegou a ser concretizado.

a posição de “*lurking*”⁷ (ORGADI, 2009), que consiste em observar e descrever a dinâmica da rede, assimilando seus códigos, sem interagir ativamente com o grupo e sem ser reconhecida. Tal técnica, oportunizada pelos usos das mídias digitais em pesquisa social, é conduzida juntamente com o registro das anotações em diário de campo, bem como armazenamento das informações sobre os sujeitos, como gênero, sexualidade, raça/etnia, faixa etária, religião e outros elementos que permitirão o entendimento sociológico do objeto. Levando em conta a necessidade ética de confidencialidade das informações e preservação das identidades, não farei aqui reprodução direta de textos e imagens que possam comprometer a privacidade dos sujeitos. A intenção é preservá-los e não divulgar quaisquer dados que possam ser localizáveis.

Meus interesses estão mais concentrados nas redes de sociabilidade que se constroem pelo ESQ e no conteúdo dessas interações do que na efetividade do grupo em promover, de fato, encontros que desemboquem em relações afetivas. O enfoque nas interações pode revelar discursos que pertencem às referências culturais e políticas do Brasil recente. Pretendo tratar, inicialmente, alguns elementos que estão destacados como tópicos importantes no grupo e se colocam como ideais românticos do sujeito de esquerda esperado, ou seja, o que se faz necessário nas interações para que elas tenham a validade política e, conseqüentemente amorosa, fundamental para as interações. Por outro lado, demonstro que o grupo também tem marcas específicas que caracterizam os sujeitos. Posteriormente, trago algumas notas e faço reflexões sobre o que tenho observado das interações, indicando para um cenário no qual há discussões sobre o que se espera das relações afetivas que, no entanto, não parecem encontrar correspondências nas experiências dos sujeitos do grupo, sobretudo no que se refere às relações de gênero.

Em busca de um “match esquerdista”

O caráter de busca por relações amorosas que perpassem por afinidades em comum entre os sujeitos não é novidade advinda dos usos das mídias digitais, tampouco de aplicativos de busca por relações amorosas. Anúncios de namoro presentes em outros tipos de mídias, como a imprensa já ofereciam esse tipo de serviço, contudo, de maneira que o controle ainda não estava nas mãos de quem, de fato, anunciava, mas sim, dos veículos de comunicação que administravam a chegada de interesses. A diferença do

⁷ Ato de entrar em listas de discussão, fóruns, comunidades online etc. apenas como observador, sem participação ativa.

grupo que pesquisa, assim como de aplicativos e plataformas de busca por relacionamentos, é que por meio dos usos das mídias digitais, a pessoa se auto-anuncia, mediante também a produção de imagens de si e, ainda, por meio de práticas de textualização das subjetividades (ILLOUZ, 2011) aprendem a construir um perfil que seja valioso no mercado afetivo das tecnologias digitais. Além disso, é o conjunto desses elementos que possibilita que os sujeitos combinem entre si ou, que deem “match”⁸ e iniciem algum tipo de interação de forma autônoma.

A seleção de um grupo que reúne sujeitos com afinidades políticas em comum para compreender o aspecto de triagem das relações amorosas tem acompanhado a expansão da segmentação de mercado de aplicativos e plataformas para namoro, que abrangem desde diferenças de gênero, sexualidade, geração, profissão e até mesmo religião (BELELI, 2015, p. 94). Incluindo sites voltados à busca de parceiros entre funcionários públicos, evangélicos, pessoas que frequentem os mesmos espaços etc. a premissa é de que haja afinidades em comum que, em tese, facilita a triagem. Os itinerários pelos quais os sujeitos desta pesquisa circulam também compreendem tais sites e aplicativos, no entanto, mais do que colecionarem “*matches*” ou rejeições desconhecidas, seus interesses estão na constituição de redes de sociabilidade a partir do reconhecimento social enquanto sujeitos de esquerda que se posicionam, sobretudo, contrários perante os rumos da política brasileira pós-eleições de 2018, particularmente à vitória de Jair Messias Bolsonaro para presidente da República.

No que tange à polarização política, é importante destacar que, historicamente, em meados dos anos 1990, com o surgimento da internet comercial, grupos de esquerda foram precursores nos usos das mídias digitais como mobilização da opinião pública, devido aos baixos custos de internet que facilitaram atividades tanto de jornalistas independentes como coletivos de ativistas. Contudo, grupos de direita, especialmente figuras como Olavo de Carvalho no Brasil, também se apoiaram em plataformas digitais para construir seu público, polindo seu discurso com um tom filosófico e, assim, garantindo admiração entre jovens brancos de classes médias e altas que mais tarde viriam a se identificar com os discursos de Bolsonaro (MACHADO e MISKOLCI, 2019).

A emergência das redes sociais e seu alto grau de conectividade automatizada (DIJCK, 2016) entre os sujeitos e plataformas aumentou os usos políticos das mídias digitais, de modo que se refletiu em fenômenos *offline* organizados digitalmente. De

⁸ Termo usado entre usuários de aplicativos, plataformas e grupos da internet para se referir à combinação de duas pessoas com afinidades em comum e interesse mútuo.

acordo com Miskolci (2021) os serviços de redes sociais comerciais fazem parte de uma esfera pública técnico-midiatizada que tem elucidado o engajamento político, principalmente, entre as gerações marcadas pela experiência de se relacionar e obter informação online.

O contexto das Jornadas de Junho de 2013, sinalizado por uma conectividade reconhecível pelos usos dessas redes, em particular do Facebook, delineou uma conjuntura que em grande medida favoreceu a emergência de uma nova esfera pública. Engendradas inicialmente pelo Movimento Passe Livre (MPL) como protestos contra a elevação da tarifa de transporte público de São Paulo, em pouco tempo se ampliaram pelo país, abarcando uma série de insatisfações coletivas de grupos que se identificavam como apartidários⁹. Porém, no Brasil, desembocaram em um cenário influenciado por emergentes grupos de extrema-direita nas mídias digitais e na vida política que viria a inflamar as relações sociais a partir das eleições de 2014. Em outras palavras,

Ao contrário do senso comum comercial que vende a falácia de que as redes seriam mais democráticas devido à sua horizontalidade, as redes sociais on-line são terreno aberto à ação de grupos de interesse que conseguem criar usuários ou perfis que funcionam como nódulos aglutinadores de sentimentos poderosos como os de indignação ou revolta (MISKOLCI, 2021, p. 34-35).

Em 2018, com as eleições presidenciais, a mobilização das mídias digitais para a interferência nas dinâmicas políticas e nos resultados das eleições estimulou ainda mais um contexto demarcado por posições políticas conflitivas, o que ficou evidente em manifestações offline em favor e contra determinados candidatos. As possibilidades de propagação do fenômeno chamado “fake News” ou notícias fraudulentas e a presença, na rede, de atores engajados potencializaram a tentativa de influenciar a esfera pública, contribuindo para a polarização política (MACHADO e MISKOLCI, 2019; MISKOLCI, 2021). Compreendo o surgimento do ESQ, portanto, como desdobramento desse contexto social, somado às possíveis frustrações políticas e amorosas que parecem não colaborar para reconhecimento de sujeitos, relações afetivas e diferenças sociais, tanto quanto de movimentos sociais e engajamento político de oposição.

⁹ É possível incluir essas manifestações na gama de protestos semelhantes organizados pelas redes sociais e com a maioria de participantes jovens: a Primavera Árabe (2010), nos países do Norte da África e do Oriente Médio; os Indignados (2011), na Espanha; e o Occupy Wall Street (2011), nos Estados Unidos (MISKOLCI, 2021).

Assim, as interações sociais realizadas são componentes de algum tipo de flerte que possivelmente tem sido fundamental na seleção de parcerias afetivas, haja vista que seus usos podem amplificar as chances de avaliação dos sujeitos, especialmente sobre suas preferências políticas. O ESQ é um canal inicial, anterior à uma interação mais privada, que oportuniza a realização de um tipo de triagem social, em que os sujeitos são, em certa medida, analisados em uma esfera pública técnico-midiatizada (MISKOLCI, 2021). Em um cenário polarizado politicamente, essa rede de sociabilidade tende a denotar sentidos de afinidades em comum, se constituindo como um espaço minimamente seguro para expressar conteúdo político não associado à setores sociais conservadores e aliados ao governo, tampouco à formas institucionalizadas que regem a ação política, como partidos. Seria, nessa lógica, um espaço viável, ao menos para seus participantes, de oposição política para a sociabilidade entre sujeitos que de alguma maneira encontram-se na busca por parcerias amorosas. Em outras palavras, se trata de públicos “reestruturados por tecnologias em rede. Sendo assim, elas são simultaneamente (1) o espaço construído através de tecnologias em rede e (2) comunidades imaginadas que emergem como resultado da intersecção de pessoas, tecnologias e práticas (boyd, 2014, p. 8).

Diante disso, o amor e posicionamento político estão afluindo como uma utopia romântica – nos termos de Illouz (1997), porém, gerida comercialmente por plataformas digitais. Em suma:

A utopia é um reino da imaginação em que os conflitos sociais são simbolicamente resolvidos ou apagados através da promessa e da visão de harmonia final, em ambas as relações políticas e interpessoais. A utopia utiliza poderosos símbolos emocionais, metáforas e histórias que permeiam tanto o grupo como a imaginação individual, tem poder vinculativo na medida em que orienta a ação individual e coletiva. Mas para os símbolos utópicos ter poder vinculativo, eles devem descansar em uma configuração das relações sociais que os torna relevantes para a ordem social. No nosso caso, essa configuração foi o "encontro" entre o inchaço de mercados consumidores de lazer evoluindo as definições de família, intimidade e sexualidade (ILLOUZ, 1997, p. 48).

O lugar onde a utopia romântica parece se aglutinar demonstra expectativas amorosas longe de serem harmônicas e livres de conflito. A pesquisa indica uma demarcação por disputas em torno de noções sobre o que é permitido ou não em qualquer tipo de relacionamento afetivo e também em posicionamentos políticos. Nessa acepção, a esfera pública técnico-midiatizada tem sido compreendida pelo âmbito de envolvimento ou posição com relação às pautas políticas, potencializado por um novo tipo de

visibilidade. De acordo com Thompson (2008) essa visibilidade permite autopromoção e, em última instância, a construção de recepções individualizadas, colaborando para que os discursos sobre causas sociais acabem se assentando também no reconhecimento no âmbito público do engajamento político dos sujeitos contemporâneos.

A popularização das pautas feministas, por exemplo, deslinda esse fenômeno, conforme observado por Facioli (2021). A autora verifica como a ampliação do acesso às mídias digitais após o crescimento da aquisição de smartphones à partir de 2010, somada a uma estrutura midiática que tende a segmentar o público por conta de seu funcionamento algorítmico faz com que a rede seja espaço de disseminação de temáticas feministas diversas. Esse fenômeno transforma pautas coletivistas “com vistas à mudança política para uma aceção crescentemente individualizada, associada a ideais de realização, sucesso e autonomia pessoais motivados pela própria estrutura conectiva que coloca no centro da tela o sujeito empoderado e protagonista de sua narrativa” (FACIOLI, 2021, p. 11).

Nesse mercado afetivo, o sujeito mais atraente parece ser aquele que se destaca não apenas pela sua imagem, fundamental à sociabilidade online, mas também, pela maneira como consegue elaborar um perfil atraente, com desempenho nas interações sobre pautas políticas presentes naquela rede. Em resumo, um perfil desejável deve ser compatível com a circulação de conteúdos informados por uma série de demandas políticas consideradas de esquerda e que estão destacadas como importantes na própria plataforma. Se trata, por conseguinte, de um empreendimento moral aparentemente simétrico com um empreendimento político de construção de si, modulado pelos usos das mídias digitais. Nessa empreitada, repertórios comprometidos com discursos sobre desigualdade de gênero e sexualidade, assim como com os Direitos Humanos, feminismos, homofobia e anti-racismo e até mesmo sobre aspectos que perpassam a experiência social durante a pandemia de covid19 parecem ganhar mais evidências e se inclinam à posturas não apenas esperadas, como também mais sondadas e averiguadas.

Essa rede se movimenta em torno de certos consensos políticos (MISKOLCI, MACHADO, 2019), consolidados, inclusive por meio de oposições a grupos sociais divergentes nas mídias digitais e carrega uma série de preceitos considerados de esquerda. Nesse aspecto, cabe colocar algumas questões referentes à sociabilidade estabelecida no ESQ: como os sujeitos constroem um perfil que associam à esquerda? Quais elementos são acionados para criar essa identificação? Além do fato de ter que obedecer às regras

específicas, os sujeitos acionam alguns discursos que lhes permitem identificar com as pautas políticas do que chamam de esquerda.

De início, para participar dessa rede é necessário se atentar à alguns princípios de conduta como não apresentar perfil fake, sem fotos, menores de 18 anos e perfis considerados de direita, o que fica mais evidente por meio do que não se tolera. Para evitar qualquer tipo de confusão, não são permitidas postagens com teor preconceituoso, particularmente que sejam entendidas como homofóbicas, racistas, machistas, de intolerância religiosa, gordofóbicas e capacitistas, sendo constantemente moderadas por seis administradores, sendo cinco mulheres e um homem.

Além disso, o grupo se descreve enquanto apoiador do Partido dos Trabalhadores (PT), Lula, Dilma e Haddad, assim como de demais partidos denominados de esquerda (não especificando essa informação) e se coloca enquanto adepto da expressão e demanda por “Fora Bolsonaro”. No entanto, apesar de constar uma abertura a outros partidos, verifica-se um apoio hegemônico ao PT e ao Lula, sinalizado por publicações que trazem imagens de apoio ao ex-presidente na apresentação dos sujeitos¹⁰ e pouca expressividade referente à candidatos de outros quadros políticos.

As pessoas que mais se apresentam fazem uma publicação com foto e uma espécie de “ficha de apresentação”, contendo as seguintes informações: Nome, Profissão, Cidade, Idade, Signo, Altura, Sexualidade, Religião, Estado civil, Hobbies, Bebe, Fuma, Time. Essas postagens são importantes para captar o perfil dos membros do grupo, assim como pincelar possíveis elementos que aparecem indicando para posicionamentos políticos considerados de esquerda nessa rede. No início do grupo, por volta do segundo semestre de 2019, as fichas de apresentação eram mais comuns e continham bastante reações e interações entre os comentários. Salientava-se homens e mulheres, heterossexuais em sua maioria, acima dos 30 anos, em busca do que chamavam de “esquerdista”, “alguém de esquerda”, “alguém que não seja bolsominion”, entre outros enunciados. A presença de pessoas negras era menos sobressalente, o que gerou vários incômodos e discussões sobre padrões de beleza, racismo, solidão, representatividade e a presença negra dentro da esquerda brasileira, sobretudo, sobre o desejo por pessoas negras dentro de um mercado afetivo segmentado para pessoas desse espectro político-social.

¹⁰ De modo semelhante, entre as postagens mais movimentadas com reações e comentários destaca-se uma que perguntava aos participantes a opinião sobre a aliança de Lula com Geraldo Alckmin, cuja maioria dos participantes manifestaram apoio. A referida postagem apresentou mais de mil comentários.

Tal problematização é extensa e se repete ainda hoje com uma presença mais acentuada desse grupo social, seja por meio de temas que envolvem as relações étnico-raciais, seja pelo questionamento de “onde estão os pretos desse grupo?”, conforme aparece em postagens.

No que se refere à sexualidade e gênero, como já mencionado anteriormente, o grupo é composto majoritariamente por sujeitos autodeclarados heterossexuais. Recentemente, a partir do final de 2021 e início de 2022 sujeitos transexuais e homossexuais têm se pronunciado, criando postagens de apresentação de perfis. Entretanto, é perceptível que o engajamento em interações de sujeitos que não sejam heterossexuais, cisgênero, brancos é menor. O engajamento também é possível de se observar pelos temas que possuem mais comentários, referindo-se às expectativas amorosas, cuja participação também demonstra ser maior entre as experiências de heterossexualidade.

Diante disso, algumas questões podem ser levantadas: há uma espécie de diluição das diferenças de sexualidade, gênero e raça nas interações? O que isso significa em termos de um grupo que se organiza sobre pautas políticas de esquerda? Quais possibilidades afetivas para as diferenças sociais no ESQ? Os repertórios de amor e política são representativos de experiências de heterossexualidade, de tal maneira que os chamados “*matchdoamor*”, ou seja, os casais que se formaram a partir dali e que são divulgados são, em sua maioria, heterossexuais.

Talvez entre os consensos políticos que circulam nessa rede esteja a necessidade de questionar e refletir sobre relações de gênero que perpassam as experiências da heterossexualidade, mais do que observar as incongruências entre o que se pretende com um discurso em torno das lutas anti-racistas, homofóbicas, machistas, entre outras. Em outras palavras, apesar de se sustentar em repertórios de esquerda que abarcam causas sociais diversas, a utopia romântica que concilia amor e posicionamentos políticos com mais chances de ser desenvolvida como pauta nessa rede se refere a um ideal de formação do casal heterossexual.

Assim, a sociabilidade visualizada na rede do ESQ pode estar assumindo o caráter de uma utopia romântica tanto no cenário da ação política quanto em um mercado amoroso. Isso se coloca também como discurso do que o grupo quer instigar, como sendo uma rede ampla, na qual cabem diferenças e se repudiam todo tipo de preconceito e silenciamento. São utopias que representam discursos políticos e afetivos que, em certa medida, simbolizam os ideais do que se elabora como de esquerda entre esses sujeitos.

Decorre disso uma relação de simbiose entre amor e política que tem sido gerido por redes sociais comerciais, de modo que alianças amorosas são cogitadas apenas em termos de uma aliança política também. Sob a égide do que Jodi Dean designa de capitalismo comunicativo (2009, p. 2) como “a materialização de ideais de inclusão e participação em tecnologias de informação, entretenimento e comunicação”, é possível indagar se a presença e formas de ação na rede contribuem para sentidos do que a autora denomina de “fantasia de participação” em uma esfera pública brasileira densamente polarizada em termos políticos. A procura por um “*match esquerdistista*”, por mais que figure entre o desejo de muitos dos sujeitos da pesquisa, envolve mais participar de uma rede cujos repertórios são colocados em comum e reconhecidos.

“Estou aqui pelos memes” e para desviar de “esquerdomacho”

Se inicialmente os intuitos de ingressar no ESQ eram relacionados à busca por um “*match esquerdistista*”, com o tempo, essa finalidade parece se esvaír, de modo que os sujeitos indicam que as motivações de permanecerem no grupo se configuram em torno da circulação de memes ou até mesmo debater argumentos dos chamados “esquerdomachos” que podem estar participando da rede. A definição de “esquerdomacho” se articula à comportamentos de homens que, ainda que associados à ideais de defesas de pautas políticas progressistas atentas às desigualdades sociais, se caracterizam por manterem atitudes e discursos em que se colocam como detentores de conhecimento em detrimento das mulheres. Mais que isso, são associados a masculinidades machistas, que desejam mulheres com padrões de beleza considerados hegemônicos, geralmente jovens, magras e brancas.

No campo da pesquisa, o “esquerdomacho” é recorrente como inapropriado em publicações que apresentam características almeçadas em relacionamentos afetivos, como também se coloca enquanto tópico em destaque, no sentido de ser até mesmo uma advertência às interações. Nesse aspecto, indicativos de atitudes machistas podem ser banidas e são constantemente rechaçadas entre as mulheres do grupo. Em uma das definições contidas em memes consta que “somos homis-feministas e apoiamos a luta das mulheres desde que elas não apontem falas problemáticas nossas e nos deixem liderar o movimento”. Isso é significativo de uma dinâmica que se estabelece no grupo, na qual em postagens que questionam machismos entre os homens que se consideram de esquerda, à despeito de obterem certa adesão destes, são também oportunidade das

mulheres avaliarem à partir das nuances de seus discursos se de fato não há semelhança entre “um machista de direita” e “um machista de esquerda”. Ambos são concebidos enquanto homens que não respeitam a liberdade e equidade das mulheres, são abusivos e, sobretudo, homofóbicos. A diferença que consta no ESQ é que o “esquerdomacho” sustenta um discurso pautado na busca por justiça social ancorado na diminuição das desigualdades de classe como mais fundamentais do que desigualdades de gênero, sexualidade e raça.

A participação dos homens nessas interações demonstra resistências por parte das mulheres. Alguns questionam os motivos pelos quais, apesar das mulheres fazerem parte de coletivos feministas ou se identificarem como de esquerda, preferem se relacionar com homens “bolsominions” que são, em suas palavras, essencialmente machistas. O “bolsominion” para esses homens de esquerda é o retrato do “playboy” branco, rico, que apoia o uso de armas, violência e frequenta academias de musculação. Particularmente, essas masculinidades surgem nas interações em relações de disputa, nas quais um componente manifesta-se como importante: o dinheiro. Para os homens de esquerda, denunciados, inclusive, como “esquerdomachos”, o critério mais elementar que define supostamente a predileção das mulheres pelos “bolsominions” é o fato destes últimos terem mais dinheiro e por isso são mais propensos à “bancar-lhes o luxo”, levando as mulheres a concederem à este padrão, mesmo que sejam feministas.

Contudo, as sinalizações desse tipo de posicionamento são constantemente rebatidas entre as mulheres que problematizam os discursos dos homens e se fortalecem lançando depoimentos de relações abusivas. O resultado é a diminuição da presença de homens frente à esse cenário. Ademais, é notável observar que as interações que desembocam em discussões sobre relações de gênero são também ocasião que possibilita colocar em pauta a relevância das mulheres em quadros políticos, especialmente no legislativo.

No que se refere às disputas de masculinidades, cabe ressaltar, inspirada pela concepção de Raewyn Connell (2005, p. 43), o caráter relacional do gênero, em que a autora argumenta que “masculinidade e feminilidade são inerentemente conceitos relacionais”, do mesmo modo que as relações entre masculinidades se pautam em pluralidades. Os discursos presentes no ESQ são ilustrativos desse aspecto relacional que define o gênero, haja vista que, tanto as feminilidades quanto as masculinidades subjetivadas por essa rede estão em relação. As masculinidades se pautam pela posse do dinheiro que, em tese, seria capaz de garantir relacionamento com as mulheres. O dinheiro

aparece aí como um atributo generificado de masculinidade. Enquanto as feminilidades recusam quaisquer associações que as subalternizem e vislumbram chances de mudar esse contexto pelo debate dessas questões na rede.

Ao passo que os homens autodeclarados de esquerda, embora manifestem preocupação com desigualdade social, estão orbitando em projetos de masculinidade que são referência dos “bolsominions” para se diferenciarem e com isso se constituírem como desejáveis no mercado amoroso, as mulheres identificam e expõem as contradições dessas relações. Por essa razão as interações mais constantes têm se consagrado por uma rede de mulheres capazes de alçar ao terreno do político discussões sobre intimidade, amor e relações de gênero, algo que foi e é uma das marcas dos feminismos. Desse modo, compreendo ser fundamental para meu campo de pesquisa, considerar que os processos pelos quais se constroem masculinidades e feminilidades associadas à esquerda correspondem ao lugar que os sujeitos ocupam diante de pautas políticas, mas também, afetivas, que vislumbram possibilidades mais simétricas de gênero. Sendo assim, uma suposta separação entre o universo da política como algo no terreno do macro-social e coletivo e do amor como micro-social e individual é inadmissível e tem sido tensionada pelas mulheres do ESQ, incomodando os homens que apresentam dificuldades quanto a esse entendimento.

Algo sintomático dessa discussão ocorreu em postagens que ironizavam a recente declaração do ator Caio Castro sobre pagar a conta em encontros amorosos. Segundo o ator, em entrevista à um podcast, o incomoda a sensação de “ter que sustentar” a mulher que sai com ele para um bar ou restaurante¹¹. A fala de Caio foi alvo de várias problematizações e deboche, permeando memes em tons jocosos que animavam interações na rede do ESQ. Dividir a conta entre o casal heterossexual se tornou o centro de um debate que evidenciou desde posicionamentos favoráveis até contrários. O ponto principal se situava na percepção da desigualdade salarial entre homens e mulheres e no dispêndio de dinheiro para a mulher no mercado amoroso incluindo gastos com aparência para se tornar socialmente aceitável.

Além desse tipo de questão revelar maior participação entre mulheres que apresentaram uma série de relatos, desnuda posicionamentos de homens que se manifestam de maneira considerada machista e, por isso, são combatidos. Discursos como “não são todas as mulheres, mas algumas só querem comida e pix”, “pepeca não é rolex”

¹¹ O vídeo da entrevista pode ser visualizado em <<https://www.uol.com.br/splash/noticias/2022/07/26/nao-tenho-que-fazer-diz-caio-castro-sobre-pagar-conta-em-date.htm>> Acessado em 19/ago/2022.

ou “o feminismo acaba quando a conta chega” foram feitos por alguns homens do grupo e intensamente contrariadas. A crença de que a mulher manifesta interesse material ou financeiro em um homem é acompanhada de uma obrigação concebida como natural de que ela deva manter qualquer tipo de relação sexual ou afetiva com este. Por conseguinte, o escárnio à esse perfil de “esquerdomacho” é um instrumento do qual as mulheres do ESQ dispõem para exporem essas masculinidades e rebaterem o quanto para estes homens, o feminismo é acionado apenas quando lhes convém, ou seja, quando os isenta de qualquer responsabilidade ou reflexão sobre as relações de gênero.

Em suma, os homens que corroboram com discursos de manutenção das relações assimétricas de gênero são colocados à prova a todo instante em uma rede de sociabilidade que tem se mantido como possibilidade de aglutinação de depoimentos de mulheres. Da mesma forma, se organiza pela articulação de discursos que promovem reflexões amplas sobre condutas admissíveis em um terreno que pretende arranjar relações afetivas entre sujeitos de esquerda. Vale trazer para reflexão a contribuição de Larissa Pelúcio (2019, p. 32) em sua pesquisa sobre masculinidades heterossexuais e aplicativos de busca por relacionamentos. Segundo a autora, ainda que estejamos experienciando uma nova ética sexual que proporciona mais autonomia dos sujeitos, as mulheres têm mais compromissos com os pactos que vinculam as pessoas afetivamente. Já para os homens viverem essa ética prazerosamente, “precisam que as mulheres tenham mais agência e assumam seus desejos nesses jogos que tendem a colocar o domínio do campo sexual em um plano mais simétrico que no passado recente, quando os homens tinham ali o controle quase incontestante.” Apesar disso, eles “são, ao mesmo tempo, produtores desta nova ética sexual e usuários confusos destes recursos” (PELÚCIO, 2019, p. 35).

Em termos de relações de gênero, portanto, o ESQ pode ser considerado pela sua capacidade de agrupar discursos entusiastas dos feminismos que ainda reverberam mais entre as mulheres que se consideram de esquerda do que entre os homens desse mesmo panorama político. Isso sinaliza o quanto as mídias digitais foram e são ferramentas fundamentais de engajamento político, principalmente, de acordo com Heloísa Buarque de Holanda (2018, p. 46) como redes feministas. Em outras palavras:

As linguagens que o feminismo explora na rede têm características próprias. Em primeiro lugar, está o investimento pesado nas perspectivas abertas para as muitas experimentações possíveis entre o pessoal e o público, como já mencionado. É um território complexo, no qual as interdições e violências vividas pelas mulheres são atualizadas. Na sequência, vem a exploração

meticulosa da força mobilizadora dos relatos pessoais, um dos principais instrumentos políticos do feminismo em rede.

Com isso, não estou afirmando que a sociabilidade estabelecida pelos sujeitos do meu campo se caracteriza como rede de ativismos políticos e feministas. Antes, as transformações no âmbito do debate sobre as relações afetivas que oportunizam mais autonomia das mulheres para se colocarem contrárias à determinados ideais e concepções dos homens passam pelos repertórios fornecidos pela luta feminista contra a desigualdade de gênero. Conjuntamente, a forma como isso tem se estabelecido pelas redes sociais organizando condutas de interação e conteúdos assimilados, necessariamente deriva desses embates colocados pelos movimentos sociais e seus usos das mídias digitais.

De outro lado, é necessário destacar que, embora as mídias digitais agreguem audiências e pautas que são visualizadas no meu campo, elas não fluem para a política institucional, como observado também por Lara Facioli (2021) em sua pesquisa sobre ativismos feministas e tecnologias. Possivelmente esse aspecto é pano de fundo no qual são elaborados discursos sobre as experiências amorosas individuais e que ganham correspondência numa expectativa político-social mais ampla. As transformações no âmbito da política nacional aparecem como utopia de resolução dos dilemas afetivos, e mais considerável ainda, das relações de gênero, atestando que amor e política são esferas convergentemente relacionadas por meio dos usos das mídias digitais.

Considerações finais

Amor e política, longe de abarcarem universos sociais distintos, são compatíveis, conforme já constatado por vertentes dos feminismos dos anos de 1960 e 1970 que colocavam como indispensável a premissa de que “o pessoal é político”. As tecnologias digitais apontam para a ampliação dos repertórios amorosos dos sujeitos, já que, como constatado por Illouz (2007) são de usos intensamente emocionais que possibilitam textualização das subjetividades, construção de perfis, compartilhamento de experiências e, como verificado na minha pesquisa, expectativas de intersecções entre amor e política em cenários polarizados e dispostos em redes sociais comerciais. Dentro de uma dinâmica de conectividade desenhada por essas plataformas que também se direcionam por algoritmos, revelam-se discursos sobre gênero, sexualidade, raça, etnia, classe social e

outras diferenças que caracterizam as noções de amor e o que, geralmente, compõe o escopo das pautas políticas proeminentes entre os sujeitos do meu campo de pesquisa.

Entretanto, conforme abordado aqui nesse texto com base em reflexões de pesquisa em andamento, se de início o grupo pretende garantir adesão entre participantes que se identifiquem com a esquerda brasileira e com demandas democráticas e inclusivas, no que se refere à sua própria composição e dinâmica de interações, destacam-se parcelas sociais específicas. Nesse sentido, relações e sujeitos que não sejam heterossexuais, cisgênero e brancos acabam ficando à margem de pautas dessa rede, o que, levanta elementos para problematizações sobre o que, de fato, caracteriza a experiência social dos sujeitos que compõem o ESQ para entender o que esperam do grupo e até mesmo de relações afetivas.

A pesquisa tem indicado para um perfil de sujeito de esquerda almejado que se situa no âmbito da heterossexualidade e acompanha a faixa etária predominante que se manifesta no campo, ou seja, de 27 a 60 anos. Provavelmente esse é o ideal que acompanha a utopia romântica desse fragmento social que, por sua vez, compreende o engajamento político como incorporado a pautas, partidos e discursos sobre o amor específicos.

De outra perspectiva, esse sujeito desejado não encontra correspondência de suas fantasias românticas nas interações realizadas, de modo que é comum verificar o quanto os participantes descreditaram, ao menos em princípio, de busca por amor por meio dessa rede, e continuam ali “pelos memes”. Assim, a sociabilidade estabelecida pelo ESQ tem diluído não apenas as diferenças sociais como também suas finalidades iniciais, se tornando uma rede de pessoas em sua maioria solteiras e com critérios refinados para deixarem de sê-lo. Mesmo que estejam em busca de algum tipo de relação afetiva, se contentam em participar das interações nas quais é possível debater relações de gênero e, sobretudo, as incoerências de discursos machistas e preconceituosos que eventualmente circulam.

Isso reforça o quanto o vínculo entre amor e política se dá pela compreensão de que a condução de relações afetivas se dá dentro de uma gramática política na qual as mulheres têm manifestado desejo por mais autonomia. Inclusive, de não estarem em relacionamentos ou filtrarem mais suas parcerias de forma mediada pelas tecnologias, algo já sinalizado pelas pesquisas de Iara Beleli (2015) sobre usos de aplicativos e plataformas de busca por relacionamentos entre mulheres heterossexuais. O campo aponta para uma conjuntura, portanto, em que o envolvimento online com essa rede social

pretende encontrar respaldo no que enseja sobre reflexões políticas no offline, direcionadas especialmente por mulheres, no interior de sociabilidades consideradas de esquerda no Brasil.

Referências

BAYM, Nancy K. **Personal Connections in the Digital Age**. Cambridge: Polity Press, 2010.

BELELI, Iara. O imperativo das imagens: construção de afinidades nas mídias digitais. **Cadernos Pagu**, Campinas, n. 44, p. 91-114, June 2015.

BELELI, Iara. Reconfigurações da intimidade. **Revista de Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 25, n. 1, p. 337-346, Apr. 2017.

boyd, dannah. **It's complicated: The Social lives of networked teens**. New Haven: Yale University Press, 2014.

BURRELL, Jenna. The field site as a network: a strategy for locating ethnographic research. **Field Methods**, v. 21, n. 2, 2009, p. 181-199.

DEAN, Jodi. **Democracy and other neoliberal fantasies: Communicative capitalism and Left politics**. Durhan & London: Duke university press, 2009.

DIJCK, José Van. **La cultura de la conectividad: una historia de las redes sociales**. Buenos Aires: Siglo Veintiuno, 2016.

FACIOLI, Lara. Movimentos, ativismos feministas e precisões conceituais: o caso do feminismo digital. In: **20º Congresso Brasileiro de Sociologia**, 2021, Belém. 20º Congresso Brasileiro de Sociologia - Sociedade Estado e Natureza, 2021.

FRAGOSO, S.; RECUERO, R.; AMARAL. **Métodos de pesquisa para internet**. Porto Alegre: Sulina, 2016.

HOLLANDA, Heloisa Buarque de. Rede. In: **Explosão feminista: arte, cultura, política e universidade**. São Paulo, Companhia das Letras, 2018. Pp. 43-60.

ILLOUZ, E. **Intimidades congeladas: Las emociones en el capitalismo**. Buenos Aires: Katz Discusiones, 2007.

ILLOUZ, E. **O amor nos tempos do capitalismo**. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

ILLOUZ, E. **Consuming the romantic utopia**. Berkeley: University of California Press, 1997.

MACHADO, Jorge; MISKOLCI, Richard. Das jornadas de junho à cruzada moral: o papel das redes sociais na polarização política brasileira. **Sociologia & Antropologia** [online], v. 9, n. 3, pp. 945-970, 2019.

MACKENZIE, Donald; WAJCMAN, Judy. Introductory essay. In: D. MACKENZIE; J. WAJCMAN. **The social shaping of technology**. Buckingham, Open University Press, 1999, p. 1-25.

MISKOLCI, Richard. **Batalhas Morais**: política identitária na esfera pública técnico-midiatizada. Belo Horizonte: Autêntica, 2021.

MARTINO, Luís Mauro Sá. Redes Sociais In: Martino, Luís Mauro Sá. **Teoria das Mídias Digitais**. Petrópolis, Vozes, 2015, pp. 55-82.

ORGADI, Shani. How can researchers make sense of the issues involved in collecting and interpreting online and offline data? MARKHAM, Annette N., BAYM, Nancy. **Internet inquiry. Conversations about method**. Los Angeles: Sage, pp. 33-53, 2009.

PADILHA, Felipe. Entre lobos maus, macacos velhos e queerpiras: uma etnografia nas interfaces dos aplicativos de busca de parceiros online no interior paulista. 2019. 204f. **Tese** (Tese de Doutorado em Sociologia), Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, São Carlos, 2019.

PELUCIO, Larissa. **Amor em tempos de aplicativos**: masculinidades heterossexuais e a nova economia do desejo. São Paulo: AnnaBlume, 2019.

THOMPSON, J. A nova visibilidade. **MATRIZES**, Brasil, v. 1, n. 2, 2008.